



Saúde coletiva e agroecologia: aproximações e diálogos em torno dos agrotóxicos

Public Health and Agroecology: approaches and dialogues around pesticides

RODRIGUES, Lucas Araújo Dutra Rodrigues¹; CHAVES, Bráulio Silva²

¹ CEFET-MG, lucasaraujodutra@gmail.com; ² CEFET-MG, braulio@cefetmg.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Saúde e Agroecologia

Resumo: O trabalho almeja analisar as mobilizações da Saúde Coletiva e da Agroecologia em torno dos agrotóxicos como um problema de saúde pública no Brasil. Partiu-se dos Estudos Ciência Tecnologia e Sociedade, dos referenciais da Ciência Política sobre a construção de agendas de políticas públicas e do conceito de agenciamento material recíproco na História das Ciências, para refletir sobre como ocorre a arregimentação e a mobilização para aproximação e diálogos entre os dois campos. A metodologia foi composta por entrevistas semiestruturadas com sujeitos da Saúde Coletiva e da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida. Os resultados indicam que a Agroecologia é um espaço aglutinador no processo de disputa em torno dos agrotóxicos. Os dados e as reflexões teóricas dão relevo ao aspecto social inerente à produção tecnocientífica no contexto neoliberal, da luta que está colocada sobre o papel de um conhecimento comprometido com a promoção da saúde da população brasileira.

Palavras-chave: agroecologia; saúde coletiva; agrotóxicos.

Introdução

No Brasil, o modelo de produção agrícola, químico-dependente e bio-hegemônico, produz conflitos socioambientais, doenças e agravos na saúde (PORTO; PACHECO; LEROY, 2013). Entre os anos de 2007 e 2015, houve 84.206 casos de intoxicação por agrotóxicos notificados ao Ministério da Saúde, destacando-se que a subnotificação para estes casos é significativa. Muito embora esses dados sejam amplamente veiculados, principalmente entre movimentos sociais contrários ao uso dos agrotóxicos e entre profissionais da área da saúde, o Brasil apresenta uma escalada de autorizações de registro: somente entre 2019 e junho de 2022 foram 1.801 agrotóxicos, em grande medida, produtos banidos na União Europeia.

Para se pensar nas aproximações e diálogos da Agroecologia e Saúde Coletiva em torno dos agrotóxicos, é necessário destacar alguns grupos e sujeitos na sociedade. No contexto da divisão internacional do trabalho, o Brasil desempenha um papel em um enorme mercado para os agrotóxicos que, desde a década de 1970, propicia o aumento do poder econômico das empresas desses produtos químicos. A partir da articulação entre o discurso midiático, político, econômico e científico, os grupos sociais vinculados ao agronegócio, convertem poder econômico em político e



promovem, de forma concreta, a produção e uso dos agrotóxicos (CARNEIRO *et al*, 2015).

Em relação aos grupos sociais que pautam os agrotóxicos como problema de saúde pública, podem ser destacados a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) e a Fundação Oswaldo Cruz, espaços da ciência instituída, que apontam os efeitos negativos na saúde decorrentes do uso de agrotóxicos, posicionando-se como porta-vozes da saúde pública. Exemplo disso é a construção do *Dossiê ABRASCO: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde* (BURIGO; PORTO, 2019). Outro grupo social que se destaca é a Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, esforço coletivo ensejado por organizações, movimentos sociais, coletivos políticos, instituições públicas, dentre outros, que objetiva combater o uso de agrotóxicos e anunciar a Agroecologia no Brasil (TYGEL *et al*, 2014).

Está no cerne da Agroecologia a crítica à utilização de agrotóxicos e a promoção de uma agricultura ecológica que interage de forma harmônica com os ciclos do solo, das águas, dos animais e das plantas, assim como uma agricultura socialmente comprometida que leva em consideração saberes ancestrais e tradicionais dos povos, bem como suas lutas sociais (CALDART *et al*, 2012).

Identificados esses grupos contrários aos agrotóxicos, que estão diante da força política e econômica do agronegócio, algumas perguntas aparecem: Como a Saúde Coletiva atua na organização dos especialistas em torno dessa pauta? E o papel da Agroecologia nessa produção de forças em torno dos agrotóxicos como problema de saúde pública? Seria ela um campo de reunião de forças que pode dar organicidade aos sujeitos sociais da Saúde Coletiva e às mobilizações em torno dos agrotóxicos como um problema de saúde pública?

Metodologia

O esforço teórico deste trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo (UFRGS, 2009). Em relação à coleta e análise de dados, as técnicas adotadas nesta pesquisa foram as entrevistas semiestruturadas (DIAS; GAMA, 2019) e, para as análises, foi utilizada a análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Foram entrevistados pesquisadoras/es do campo da Saúde Coletiva e sujeitos da Campanha, principalmente, aqueles que participam de seus núcleos organizativos, desde sua criação, pois seriam capazes de informar a respeito do surgimento da Campanha e de como ocorreram e ocorrem as mediações com todos os setores envolvidos.



Quadro 1: Sujeitos da pesquisa e motivações de escolha

Grupo	Sujeitos	Trajectoria
Pesquisadores Saúde Coletiva	Participante 1	Autora do <i>Dossiê Abrasco</i> . Tem experiência na área de Saúde Coletiva, com ênfase em Saúde Ambiental e do Trabalhador.
	Participante 2	Autor do <i>Dossiê Abrasco</i> . Pesquisa e desenvolve projetos sobre temas como vigilância sanitária, epidemiologia ambiental e saúde das populações do campo.
	Participante 3	Autor do <i>Dossiê Abrasco</i> . Pesquisa e desenvolve projetos sobre temas como justiça ambiental, ecologia política e as epistemologias do sul.
	Participante 4	Autora do <i>Dossiê Abrasco</i> . Pesquisa e desenvolve projetos sobre temas como segurança e soberania alimentar. Participa da Associação Nacional de Agroecologia.
Integrantes da Campanha	Participante 5	Atua na Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, desde sua fundação em 2011.
	Participante 6	Membro da Coordenação Nacional da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida desde a fundação em 2011.
	Participante 7	Membro da Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida, desde a fundação em 2011.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na fase de análise das entrevistas, procurou-se extrair os significados dos dados a partir do referencial teórico que pautou a análise das narrativas, por meio das categorias de “tecnociência”, “agenciamento material recíproco”, “zona de fronteira”, “expansão do conflito”, “problema de saúde pública”. E, posteriormente, a fase da interpretação propriamente dita, momento em que foram feitas as inferências e que se concedeu significação para as características dos textos.

Resultados e Discussão

A utilização de agrotóxicos no Brasil ocasiona uma miríade de impactos sociais, sanitários e ambientais. São exemplos desses impactos, a contaminação do solo, das águas, do ar, extermínio da biodiversidade dos ecossistemas por meio da extinção de espécies, intoxicações por agrotóxicos que resultam em desenvolvimento de cânceres, malformação fetal, agravos respiratórios, auditivos, endócrinos, osteomusculares, no sistema reprodutivo e danos genéticos. Por isso, a ideia do agronegócio como causador de “desastres sócio-sanitários-ambientais” (PIGNATI *et al*, 2021) é importante para demarcar a indissociabilidade dessas dimensões.



A Saúde Coletiva e a Agroecologia, ao mobilizarem e serem mobilizadas pelos agrotóxicos, lidam com o objeto que causa os impactos mencionados anteriormente. Mas não só isso, é um objeto que tem sua utilização atrelada à forma como se organiza o capitalismo na sociedade brasileira, na dimensão da exploração e expropriação dos camponeses, da produção agrícola, do processo de divisão do trabalho, das ideologias, da formação histórica do Brasil e da sua economia agroexportadora dependente, que privilegia o latifúndio e se submete ao capital internacional.

Na constituição da Saúde Coletiva como campo, certos setores críticos do modelo biomédico, hegemônico na saúde pública, compreendem o processo saúde-doença como, simultânea e não contraditoriamente, biológico e social, possibilitando que as determinações históricas e sociais relacionadas aos impactos dos agrotóxicos na saúde sejam considerados, evitando o ocultamento e, conseqüentemente, a legitimação e reprodução das relações sociais de exploração e dominação presentes na sociedade. Dessa forma, em torno dos agrotóxicos, a Saúde Coletiva pode encontrar na Agroecologia um espaço fecundo, de sujeitos que se movimentam contra o projeto de sociedade brasileira que historicamente se associa ao latifúndio. O movimento agroecológico anuncia uma possibilidade de outro futuro, de outras práticas agrícolas que não usam os agrotóxicos, que estabelece outra relação do ser humano com a natureza

Com o fortalecimento do tema dos agrotóxicos, a partir de 2008, por conta do elevado consumo dessas substâncias no Brasil, a ABRASCO realizou, em 2010, o 1º Simpósio Brasileiro de Saúde e Ambiente. O simpósio discutiu, entre outros temas, o modelo de agricultura químico-dependente baseado na concentração de terras e uso massivo de agrotóxicos. E é a partir da pauta dos agrotóxicos que a ABRASCO, mediante o Grupo de Trabalho Saúde e Ambiente (GTSA), aproxima-se de outros amplos setores da sociedade, mas também a partir da Agroecologia. Um importante marco dessa aproximação é o Encontro Nacional de Diálogos e Convergências: Agroecologia, saúde e justiça ambiental, soberania alimentar, economia solidária e feminismo (ENDC), realizado em 2011, e que funcionou como espaço de aglutinação e articulação desses setores (BURIGO; PORTO, 2019).

Aí eu chamei, pela ABRASCO eu tentei mobilizar o [GT] de Promoção à Saúde, o de Vigilância Sanitária, o GT de Saúde do Trabalhador... o de Educação Popular, de Nutrição. E a gente criou uma espécie de inter-GTs da ABRASCO pra poder participar desse processo [se refere à participação da ABRASCO no *Encontro Nacional de Convergências e Diálogos*, ocorrido em 2011], porque não dava conta só um GT. Então, era uma coisa que tá até no papel da secretaria executiva da ABRASCO, mas nós tivemos essa iniciativa. Era uma necessidade (Participante 2).

O GTSA centraliza os esforços de aproximação, porém aciona outros GTs da ABRASCO. Essa aproximação propicia e facilita a realização, em 2012, do *Dossiê*



Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde, as pontes de interlocução e trabalho haviam sido criadas:

Foi o grande aprendizado, assim, que a gente teve com o pessoal do Diálogos e Convergências. Então, primeiro, como a gente teve que criar um inter-GT pra participar do Diálogos e Convergências, então, a gente já tinha a plataforma para o *Dossiê*. Então, já tinha o inter-GTs pra ajudar, era Saúde e Ambiente puxando, mas já tinha o pessoal, já tinha gente da Saúde do Trabalhador, tinha a Promoção da Saúde, o GT de Promoção, o GT de Nutrição. Então, já tinha um grupo que estava afinado, então, foi fácil juntar a ABRASCO pra não ser uma coisa só do GT de Saúde e Ambiente. Depois, a gente... foi uma coisa tão legal isso que aconteceu, a gente aproveitava os momentos. Não tinha dinheiro, tava tendo um, se não me engano, eu acho que era um mestrado da FIOCRUZ em Saúde, Ambiente e Movimentos Sociais (Participante 2).

A costura dos acordos e articulações internas à ABRASCO foram importantes para arregimentar variados sujeitos do campo agroecológico e a temática dos agrotóxicos passou a pautar diferentes campos no interior da Saúde Coletiva. Nessa instância, realiza-se a agência material recíproca (MAIA, 2017) do agrotóxico, objeto que afeta e é afetado por diversos aspectos da vida social. A apreensão do objeto provocou os sujeitos a se movimentarem e mobilizarem recursos e forças materiais e simbólicas em torno da Agroecologia para que se efetivasse o *Dossiê*.

Conclusões

Desde 2008, em que se acendeu o alerta das populações atingidas pelos agrotóxicos e dos movimentos sociais do campo e da cidade, por conta da marca brasileira de maior consumo de agrotóxicos no mundo, vários movimentos começaram a se reunir em torno da pauta. Essa aliança, entre Agroecologia e Saúde Coletiva, se deu com benefícios mútuos, pois o campo da Saúde Coletiva produz estudos que embasam a crítica ao uso dos agrotóxicos, demonstrando os malefícios à saúde. E se os agrotóxicos causam problemas enormes para a saúde, a Agroecologia é uma das respostas mais contundentes ao problema, pois, como campo de saberes, práticas e movimento político e social, ela fornece resposta política sobre a possibilidade e viabilidade de outro modelo de produção agrícola, que abdica da utilização de agrotóxicos. Ela contesta o agronegócio, assumindo, por pressuposto, a necessidade da reforma agrária, o acesso à terra, a quem nela precisa trabalhar.

Por isso, neste trabalho, teve-se como pressuposto a concepção da Agroecologia como zona de fronteira, de troca entre diferentes campos. E, diante das tensões que ocorreram nessas relações, relatadas pelos participantes dessa pesquisa, a Agroecologia, de fato, cumpriu o papel de ser o espaço capaz de fazer convergir o camponês, o militante político, o cientista e o gestor público. Isso, sem dúvidas, é um resgate dos princípios da própria Saúde Coletiva, campo que surge no contexto



da luta política pela Reforma Sanitária Brasileira. Luta política que é tão importante em um cenário de desmonte, subfinanciamento e avanço dos interesses privados sobre a saúde pública.

Agradecimentos

Suporte financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

Referências bibliográficas

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, 2016.

BURIGO, André C.; PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Trajetórias e aproximações entre a Saúde Coletiva e a Agroecologia. **Saúde em Debate**, v. 43, n. spe8, p. 248–262, 2019.

CALDART, Roseli S. *et al.* **Dicionário da Educação do Campo**. 1ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CARNEIRO, Fernando F. *et al.* **Dossiê ABRASCO**: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde. Associação Brasileira de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo. Expressão Popular, 2015.

DIAS, Sonia M. F.; GAMA, Ana. **Introdução à investigação qualitativa em saúde pública**. 1ª ed. Coimbra: Almedina, 2019.

MAIA, Carlos A.. Agência material recíproca: uma ecologia para os estudos de ciência. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 24, n. 2, p. 447–464, abr. 2017.

PIGNATI, Wanderlei *et al.* **Desastres sócio-sanitários-ambientais do agronegócio e resistências agroecológicas no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Outras Expressões, 2021.

PORTO, Marcelo F; PACHECO Tânia, LEROY, Jean P. (Org.) **Injustiça ambiental e saúde no Brasil**: o Mapa de Conflitos. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

TYGEL, Alan F. *et al.* Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida: construção da resistência brasileira ao avanço do capital no campo. **Agriculturas**. v. 11 - n. 4, p. 38-42 dez. 2014.

UFRGS. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.